

## Rede de gêneros textuais: uma proposta para despertar a palavramundo<sup>1</sup>

Márcia Martins Castaldo<sup>2</sup>

**Resumo:** “Rede de gêneros textuais: uma proposta para despertar a palavra mundo” relata a experiência relatada a experiência de leitura e produção textual vivenciada por estudantes do 6º Ano da EMEF Professor José Ferraz de Campos, em 2009. O projeto consistiu na realização de atividades de leitura e de produção textual, em variados gêneros, articuladas à leitura de “Viagem ao Centro da Terra”, de Júlio Verne. Com base nas contribuições da Linguística Textual referentes aos gêneros textuais na escola, o projeto teve como objetivo ampliar a proficiência leitora e escritora dos alunos.

**Palavras Chave:** Gêneros textuais. Leitura e Produção textual. Letramento. Ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa.

**Abstract:** Group of correlated text genres: a proposal to wake up *worldwords*” is an experience report about reading and writing activities developed by the 6<sup>th</sup> grade students at EMEF Professor José Ferraz de Campos, in 2009. This project was based on Text Linguistics concepts related to text genres at school. Based on the reading of *Journey to the Center of the Earth*, by Jules Verne, students made activities involving different text genres correlated. The purpose of this project was to enlarge reading and writing proficiencies.

**Keywords:** Text genres. Reading and writing. Literacy. Portuguese teaching and learning.

Despertar a *palavramundo*, dar-lhe movimento e vida. Como nos indaga Drummond (2002, p. 824):

Certa palavra dorme na sombra  
de um livro raro.  
Como desencantá-la?

É o que aqui se relata: o processo mágico de um despertar da palavra.

Durante o ano de 2009, realizamos uma trajetória de leitura com uma das obras do escritor Júlio Verne: “Viagem ao centro da terra”. O despertar se deu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor José Ferraz de Campos, na cidade de São Paulo, com alunos de 6º Ano, em atividades de integração entre Língua Portuguesa e Geografia<sup>3</sup>,

### I. Primeiras palavras

Na realidade de múltiplas faces em que estamos inseridos, de múltiplas informações e de múltiplas formas de conhecimento, as demandas de ensino-aprendizagem requisitam todas as dimensões do conhecimento.

---

<sup>1</sup> Palavramundo: termo utilizado por Freire (1990).

<sup>2</sup> Doutora e mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Graduada em Português/Inglês/Francês pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas das Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Atua na área de Educação - Língua Portuguesa (produção textual e avaliação). É coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP). Foi Assessora Técnica Educacional do Núcleo de Avaliação Educacional (SME-SP); professora/coordenadora/assessora (redes pública e privada) em Língua Portuguesa.

<sup>3</sup> O projeto foi desenvolvido por Márcia Martins Castaldo (Língua Portuguesa) e Daniela Anselmi Rojas (Geografia). Foi apresentado na Semana da Educação, FE-USP, em 2009.

Para propiciar condições de atender a essa demanda, surge, entre os diversos procedimentos escolares, a leitura.

Mas o que é ler?

Ler envolve mais do que o simples decifrar de algumas letras, envolve a interação entre universos multilíngüísticos<sup>4</sup>. Como sinaliza Martins (1989, p. 33):

[...] a leitura se realiza a partir do *diálogo* do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (grifo do autor)

Cabe à escola promover condições para que o indivíduo desenvolva a sua *palavramundo* (FREIRE, 1990).

Como fazê-lo? Queirós (2002, p. 160-161) propõe:

[...] Nenhuma palavra é solitária. Cada palavra remete o leitor ou o ouvinte para além de si mesma. Haverá tarefa mais significativa para a escola do que esta de sensibilizar o sujeito para desvendar as dimensões da palavra? Por ser assim, trabalhar com a palavra é compreender seus deslimites e apresentar para o leitor um convite para adivinhar o que está obscuro no texto e só ele pode desvendar.

Na medida em que um texto tem como figura maior a construção de uma metáfora, é possível ir muito além do escrito. A metáfora cria arestas, faces, dúvidas. E esta metáfora em função da arte, da beleza, abrirá portas para muitas e infindáveis paisagens que já existiam na mente do leitor.

Como podemos, no cotidiano das ações da escola, oferecer caminhos para que se alcancem os deslimites das palavras?

É preciso desencantar o ator do processo: o ser-leitor. “Sendo um ontológico investigador de pistas, o ser-leitor afronta mistérios, descobre, cria. Como se constitui esse ser leitor que age e retroage, interage no mundo, desvelando mistérios? Opto por não defini-lo, mas indagar: o que pode o ser leitor?” (ZACCUR, 1999. p. 35)

O ser-leitor é aquele que se apropria da palavra, transitando com proficiência pela três facetas sugeridas por Soares (2017): linguística, interativa e sociocultural, cada uma com seus processos cognitivos e linguísticos específicos. A faceta linguística tem como objeto de conhecimento a “apropriação do sistema alfabético-ortográfico e das convenções da escrita”. A faceta interativa foca as habilidades de compreensão e produção de textos. Os “eventos sociais e culturais que envolvem a escrita” residem, como o próprio nome sugere, a faceta sociocultural.

Com base nesses preceitos, configurou-se, entre nós, a questão: como promover a circulação entre a *palavramundo* do papel e aquela dos nossos seres-leitores do 6º ano?

---

<sup>4</sup> Cf. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), orientadores das práticas escolares no período em que se desenvolveu o trabalho. Os mesmos princípios são encontrados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), orientador atual.

O caminho se constituiu a partir da ideia de definir a leitura de uma dada obra<sup>5</sup> como eixo de trabalho, vinculando a ela atividades calcadas na exploração de gêneros textuais como elemento fundamental.

A expressão gênero textual é usada

[...] para definir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. [Observa que] os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária*, [...] e assim por diante. (MARCUSCHI, 2005, p. 22-23, grifos do autor)

Recomenda Marcuschi (2005, p. 35): “o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia”, uma vez que, como pontua Bronckart (1999, apud MARCUSCHI, 2005, p. 29):

[...] a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas

E completa Marcuschi (2005, p. 29):

[...] os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual.

Vivenciamos cotidianamente o uso dos gêneros textuais nos programas escolares. “Na escola, o aluno exercita, na maior parte do tempo, versões escolarizadas, modelos didáticos dos diversos gêneros de referência”, pontua Castaldo (2010, p. 34), remetendo a Schneuwly (2004). Há, também, os gêneros da escola, utilizados pelos diversos componentes curriculares, e dos quais os alunos precisam se apropriar, como resumo, relatórios de pesquisa, fichamentos e os gêneros próprios de certas áreas do conhecimento, como mapas, gráficos.

Todos esses gêneros têm sido abordados na escola, entretanto, a forma como se tem feito isso precisa ser aperfeiçoada. Como pontua Marcuschi (2005, p. 35-36):

Uma análise dos manuais de ensino de língua portuguesa mostra que há uma relativa variedade de gêneros textuais presentes nessas obras. Contudo, uma observação mais atenta e qualificada revela que a essa variedade não corresponde a uma realidade analítica. Pois os gêneros que aparecem nas seções centrais e básicas, analisados de maneira aprofundada são sempre os mesmos. Os demais gêneros figuram apenas para “enfeite” e “distração”.

---

<sup>5</sup> A disponibilidade de obras em Salas de Leitura, em geral, é regida pelo critério da diversidade, assim, o trabalho com um único título para toda uma sala torna-se complexo. Como a leitura de um único título também se configura uma estratégia para o ensino-aprendizagem da leitura, com apoio da Associação de Pais e Mestres, a escola adquiriu exemplares suficientes para todos os alunos envolvidos no projeto.

Ao buscar um caminho que rompesse com essas abordagens e evitasse o tratamento que se tem dado aos gêneros textuais, enfocados em si mesmos, estudados de modo compartimentado, às vezes alheios ao seu uso no próprio ambiente escolar, remetemo-nos a Bakhtin. Para ele, “Dois tipos de produções verbais, dois enunciados confrontados um com o outro entabulam uma relação específica de sentido a que chamamos dialógica.” (BAKHTIN, 2000, p. 347).

E ainda:

[...] o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica.

[...] o enunciado está ligado não só aos elos que o precedem, mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal. (BAKHTIN, 2000, p. 320).

Essas concepções subsidiaram a elaboração de um projeto utilizando os gêneros textuais em seus intercâmbios e interfaces, em seus elos e diálogos. Para atingir os deslimites das palavras, criamos uma rede de gêneros textuais.

## II. Palavras e ação

“Viagem ao Centro da Terra”, de Júlio Verne, foi a obra selecionada como eixo. A narrativa retrata a aventura do Professor Lidenbrock, de seu sobrinho Axel e do guia Hans nas entranhas da Terra, no século XIX. A escolha do título baseou-se no envolvimento positivo que, em geral, vivenciamos quando a leitura do gênero narrativa de aventura é proposta a alunos de 6º ano. O panorama sócio-histórico retratado pelo autor na obra é rico e abre caminhos para mergulhos em realidades de outros tempos e espaços bem como para inúmeras reflexões.

Dada a complexidade linguística da obra integral em Língua Portuguesa, selecionamos uma adaptação. Os critérios para essa opção foram a fidedignidade ao enredo, ao estilo e à presença de elementos da estética literária à época de Júlio Verne.

As atividades para leitura da obra foram organizadas em quatro categorias: evocação, referenciação<sup>6</sup>, acompanhamento e finalização.

### Atividades de evocação

A explicitação dos conhecimentos prévios das crianças bem como a estimulação do imaginário relacionado à obra constituíram os intuitos dessa categoria de trabalhos.

Em Língua Portuguesa, foi realizada a leitura do texto “Navegando em mar perigoso” (Cf. Projeto Araribá), no qual, em tom de diário, o narrador conta suas aventuras no mar revolto. A leitura embasou a proposta de criação de uma narrativa envolvendo a aventura de um personagem-narrador que explora o interior de um vulcão, que, de repente, entra em erupção.

Em Geografia, com o objetivo de desenvolver o processo de construção de conceitos e de noções espaciais, além da percepção da gênese da formação do planeta Terra, os alunos construíram uma representação visual a partir da questão *Como você imagina ser o centro da Terra?*

---

<sup>6</sup> Conceito verificado em Koch (2005).

## Atividades de referência

As atividades dessa categoria foram realizadas com o objetivo inserir as crianças no universo da obra, fornecendo-lhes subsídios para ampliar seus conhecimentos e compreender os diversos aspectos ali presentes, tanto aqueles relacionados ao gênero literário em questão, a ficção científica, quanto aqueles vinculados ao contexto sociocultural e às peculiaridades de época e de espaço.

a. Contexto sociocultural e peculiaridades de época e espaço:

Inicialmente, as crianças realizaram, em Língua Portuguesa, pesquisa sobre vida e obra do autor Júlio Verne, orientada por roteiro.

Para a organização das informações coletadas e posterior registro, foram apresentados alguns elementos do gênero monografia: capa, folha de rosto, corpo principal do trabalho e referências bibliográficas.

A mesma forma de registro foi requisitada nas pesquisas sugeridas em Geografia, relatadas na sequência.

Para localizar e compreender o espaço geográfico da França como espaço concebido; desenvolver e selecionar informações para produção de pesquisa; caracterizá-lo estabelecendo relações entre elementos por meio de sua representação gráfica (linguagem cartográfica), foi proposta a “Pesquisa bibliográfica e cartográfica sobre a França, o país de Julio Verne”, atividade escrita composta de informações geográficas e históricas do território francês e elaboração de mapa com seus principais pontos de referência presentes no contexto da vida do autor.

A “Pesquisa sobre os instrumentos apresentados na expedição” do livro (bússola, termômetro, barômetro, manômetro) teve como meta conhecer e identificar a importância e o uso dos instrumentos científicos existentes na época e passados à ficção. Os registros resultaram na criação de mini-livro ilustrado sobre o significado dos instrumentos científicos e suas funções.

Para resgatar a época e conceituar sociedade científica, exibiu-se um excerto do filme *As Montanhas da Lua*<sup>7</sup>. A discussão feita a partir da exibição foi organizada sob a forma de produção escrita coletiva, contendo as características da sociedade do século XIX retratada na obra de Julio Verne.

Palestra sobre uma viagem de bicicleta<sup>8</sup> pela Islândia, país importante no contexto da obra lida, foi oferecida às crianças. Observaram-se, nos slides e projeções, imagens atuais do país, inclusive do vulcão Sneffels, de onde parte a expedição narrada por Júlio Verne, bem como as impressões sobre o espaço e o povo islandeses.

Com base nas observações, propôs-se a redação de uma carta a um dos personagens da narrativa, Axel, em que aparecessem semelhanças e diferenças entre as Islândias do livro e a atual (mostrada na palestra).

## Parâmetros conceituais

Buscou-se a conceituação do gênero ficção-científica a partir da exibição do filme *De volta para o futuro*<sup>9</sup> com posterior reflexão e registro em atividade escrita na qual o aluno era levado a posicionar-se sobre as cenas mais emocionantes, sobre a possibilidade de voltar ao passado e alterar a realidade. A produção de um texto para

---

<sup>7</sup> AS MONTANHAS DA LUA. Direção: Produção: Bob Rafelson. Estados Unidos: 1990.

<sup>8</sup> A palestra foi feita pelo professor Leonardo Tavares Martins, ciclista.

<sup>9</sup> DE VOLTA PARA O FUTURO I. Direção: Robert Zemeckis. Produção: Steven Spielberg, Kathleen Kennedy e Frank Marshall. Estados Unidos: UNIVERSAL PICTURES, 1985.

narrar uma viagem aos tempos de Pedro Álvares Cabral<sup>10</sup>, na caravela que chegou ao Brasil em 1500, concluiu essa etapa.

Ainda para conceituar o gênero, sugeriu-se pesquisa com roteiro envolvendo definição, história, principais autores e obras de ficção-científica. O registro foi elaborado de acordo com os elementos de caráter monográfico anteriormente arrolados.

### **Atividades de acompanhamento**

Por sugestão dos alunos, um marcador de livros personalizado foi feito por cada um.

A leitura do livro foi realizada de modo programado. A cada semana, era requisitado um determinado conjunto de capítulos (reunidos por etapas da viagem). A construção, em etapas, de um Glossário, de um Álbum de fotos da viagem bem como de produtos cartográficos e Passaporte consistiu em uma parte das atividades de acompanhamento da leitura.

O **Glossário** constituiu-se com base na identificação, definição e registro de termos e de palavras desconhecidos presentes na obra com posterior separação entre terminologia técnica e não-técnica. O resultado foi a ampliação do vocabulário geral das crianças bem como o desenvolvimento de referenciais de leitura da obra a partir dos conceitos geológicos e geomorfológicos.

Os textos de Júlio Verne trazem nítido um dos preceitos da corrente literária vigente no século XIX à época do autor, a descrição pormenorizada. Para estimular e desenvolver a percepção das crianças bem como a fruição relativa a esse elemento, promovendo condições para a compreensão mais abrangente das descrições dos espaços retratados no livro, foi proposta uma forma de retextualização<sup>11</sup> das descrições: o **Álbum de Fotos** da viagem. A cada etapa de leitura, como em uma viagem, os alunos deveriam registrar, por meio de desenhos, os momentos mais significativos.

Para compreender a história física do planeta Terra, descrever, localizar e dimensionar os diversos compartimentos e feições de relevo (Geomorfologia); ler e decodificar mapas com a identificação dos recursos geológicos, foram propostas atividades cartográficas envolvendo noções de geologia e de geomorfologia. Destacase, entre essas atividades, a construção de produtos cartográficos<sup>12</sup>: mapas terrestres e marítimos da trajetória dos personagens visando à reprodução do percurso feito pelos personagens na superfície da Terra e descrito na obra. Mapas da Europa e da Islândia foram confeccionados e organizados na **Pasta de Cartografia**. Os primeiros continham legendas dos diferentes meios de transporte usados durante a viagem dos personagens, representação dos percursos contendo as respectivas trajetórias; nos segundos, a localização das cidades islandesas de referência na obra e do vulcão Sneffels (final do trecho terrestre).

Confeccionou-se um **Passaporte** (inspirado no modelo nacional) para receber o carimbo certificador de execução das várias tarefas propostas ao longo da leitura. As

---

<sup>10</sup> Proposta inspirada no Tema B do vestibular da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, no ano de 1999.

<sup>11</sup> A palavra “retextualização” aqui é entendida como a reformulação de um texto. Exemplos: reescritas para correção, paráfrases, paródias.

<sup>12</sup> O desenvolvimento da percepção das diferentes formas de representação (mapas, plantas, maquetes) é de extrema importância para a compreensão e aplicação dos conceitos cartográficos: “[...] elementos espaciais básicos de construção das noções de legenda, proporção e escala, lateralidade, referências, orientação espacial, compreensão e interpretação de mapas e fontes documentais” (ALMEIDA; PASSINI, 1989, p. 13).

crianças, inicialmente, fizeram uma pesquisa<sup>13</sup> orientada na qual se enfocaram as definições para passaporte e para visto de entrada além dos procedimentos para a obtenção dos mesmos; passaportes foram mostrados às crianças; também foram requisitadas informações sobre a necessidade de vistos de entrada de brasileiros em outros países e de estrangeiros no Brasil. Em etapa posterior, requisitou-se o preenchimento de formulário<sup>14</sup> para obtenção de passaporte. O carimbo para registrar a entrega de tarefas também foi objeto construído pelos alunos. Todos desenharam suas sugestões e, posteriormente, houve votação para a escolha do modelo

A elaboração de um registro contendo a caracterização dos personagens e uma reflexão sobre a transformação do personagem Axel ao longo da narrativa foi, também, atividade requisitada.

### **Atividades de finalização**

Essa categoria de atividades reuniu trabalhos relativos à conclusão do processo realizado. Algumas das propostas envolveram o término de atividades de acompanhamento: as montagens do **Álbum de fotos**, do **Glossário** e da **Pasta de Cartografia; o Passaporte**. Outras resultaram da leitura completa da obra: maquete representativa da estrutura da Terra e do percurso apresentados na narrativa e o **Guia Turístico**.

A confecção da maquete buscou: o desenvolvimento da percepção de diferentes escalas de representação; a apresentação concreta das noções de espaço; a reprodução da viagem dos personagens pelo interior da Terra, com criação de símbolos para as etapas mais importantes da trajetória. A maquete foi produzida com caixa de sapato e variados materiais, apresentou o percurso vertical pelo interior da Terra a partir do monte Sneffels incluindo a criação artística dos símbolos das diferentes paisagens e personagens retratadas na obra. Um grupo de alunos construiu sua maquete com uma placa MDF; encaixada sobre uma mesa, apresentava, na parte superior, a trajetória externa dos viajantes e, na parte inferior, aquela realizada no interior da Terra.

A elaboração do **Guia Turístico** foi precedida pela análise de vários exemplares do gênero trazidos pelas crianças. A proposta sugeria a criação de um guia para turistas que desejassem visitar o centro da Terra.

Dois atividades de finalização envolveram a perspectiva crítica: uma resenha do livro e as exibições, em filme, de duas versões da obra, uma delas produzida em 1959<sup>15</sup> e outra, em 2008<sup>16</sup>, seguidas de discussão sobre semelhanças e diferenças entre a obra e suas versões; discutiu-se, também, a evolução dos recursos de construção para criação de suspense e de efeitos especiais em textos cinematográficos.

No Quadro I, pode ser visualizado o esquema completo do processo, indicando as atividades agrupadas de acordo com as etapas (evocação, referenciação, acompanhamento e finalização); tipo de atividade (Leitura (L) e Produção Textual (PT)); natureza da expressão (oral, escrita, mista; verbal, não-verbal, mista). Os gêneros textuais foram organizados de acordo com os aspectos tipológicos propostos por Schneuwly e Dolz (2004, p. 121) embasados nas capacidades de linguagem segundo domínios sociais da comunicação.

---

<sup>13</sup> Pesquisa em *site* da Polícia Federal: <http://www.pf.gov.br/>.

<sup>14</sup> Modelo de formulário disponível no *site* da Polícia Federal.

<sup>15</sup> VIAGEM AO CENTRO DA TERRA. Direção: Henry Levin. Produção de Charles Brackett. Estados Unidos: 20th CENTURY FOX, 1959.

<sup>16</sup> VIAGEM AO CENTRO DA TERRA. Direção: Eric Brevig. Produção de Cary Granat, Charlotte Clay Huggins, Beau Flynn, Mylan Stepanovich. Estados Unidos: PLAYARTE, 2008.

Quadro I – Viagem Ao Centro Da Terra - Rede De Gêneros Textuais

CATEGORIAS  ATIVIDADE	CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOMINANTES									
	NARRAR		RELATAR		ARGUMENTAR		EXPOR		DESCREVER AÇÕES	
	DOMÍNIOS SOCIAIS DA COMUNICAÇÃO									
	Cultura literária ficcional		Documentação e memorização das ações humanas		Discussão de problemas sociais controversos		Transmissão e construção dos saberes		Instruções e prescrições	
	L	PT	L	PT	L	PT	L	PT	L	PT
<b>EIXO</b>										
Viagem ao centro da Terra	(n) Romance									
<b>ATIVIDADES DE EVOCACÃO</b>										
Desenho: como você imagina a Terra por dentro?							(#) Desenho		(n) Comanda	
Leitura de um relato de viagem seguida de proposta de produção	(n) Excerto de narrativa de aventura	(n) Narrativa de aventura							(n) Comanda	
<b>ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO</b>										
Pesquisa: biografia de Júlio Verne							(n) Verbete # Biografia	(n) Monografia	(n) Roteiro	
Pesquisa sobre a França incluindo parte cartográfica							(n #) Verbete # Mapa	(n) Monografia # Mapa	(n) Roteiro	
Excerto do filme <i>As montanhas da lua</i> - Bob Rafelson, USA, 1990	(*#) Filme de ficção							(*) Aula dialogada (n) Produção coletiva caracterizada	(n) Comanda	
Pesquisa sobre instrumentos apresentados na expedição de "Viagem ao centro da Terra"							(n) Verbete	(#) Mini-livro ilustrado	(n) Roteiro	
Pesquisa sobre ficção científica							(n) Verbete	(n) Monografia	(n) Roteiro	
Filme: <i>De volta para o futuro I</i>	(*#) Filme de ficção					(*) Discussão oral (n) Produção de texto			(n) Roteiro	
Palestra sobre a Islândia			(*) Palestra (audição/ slides)	(*) Diálogo						
<b>ATIVIDADES DE ACOMPANHAMENTO</b>										
Marcador de livros									Marcador	
Leitura programada em etapas	(n) Romance								(n) Roteiro	
Glossário							(n) Verbete	(n) Verbete	(n) Comanda Orientações	
Album de fotos				(#) Relato por imagem					(n) Comanda Orientações	
Atividades cartográficas envolvendo noções de							(n) Verbete		(n) Comanda Orientações	
geologia e geomorfologia										



Produtos cartográficos: mapas terrestres e marítimos da trajetória dos personagens na superfície da Terra e descrita na obra								(#) Produtos cartográficos	(v) Comanda	
Passaporte (envolvendo pesquisa sobre o documento e visto) confecção de carimbo							(#v) Textos digitais Formulário Documentos	(#v) Relatório de dados Formulário Passaporte Documento	(v) Comanda Orientações	
Carimbo					(#v) Discussão e documentos para votação	(v#) Voto e Planilha de resultados			(v) Comanda	(#) Desenho
Caracterização dos personagens								(v) Descrição de personagem	(v) Comanda	
<b>ATIVIDADES DE FINALIZAÇÃO</b>										
Glossário								(v) Verbetes		
Album de fotos					(#) Relato por imagem					
Passaporte								(#v) Documento		
Pasta de cartografia								(#) Mapas		
Maquete								(#) Maquete	(v) Comanda Orientações	
Guia turístico							(v#) Folder Guia Turístico	(v#) Folder Guia Turístico		
Resenha					(v) Resenhas	(v) Resenha			(v) Comanda	
Filme <i>Viagem ao Centro da Terra</i> – versão atual e versão de 1959	(#v) Filmes				(#) Quadro de cotejamento (*) Aula dialogada					

Legenda: L:leitura, PT: produção textual; (v) oral/mista; (v) verbal; (#) não-verbal/mista.  
Observação: Comanda e orientações (escritas e orais); maquete e marcador (tridimensionais).

### III. O produto

Foi a palavra desencantada?

Acreditamos que sim.

Os resultados das atividades demonstraram grande envolvimento das crianças. Desde a expectativa pela aquisição do livro, passando pela grande emoção de receber o exemplar embalado em papel transparente, tocar e inalar o aroma do livro novo, até a confecção das atividades finais, os alunos mostraram-se sempre vibrantes – termo justo para descrever o que ocorreu nas aulas -, cheios de vontade de executar as tarefas propostas. Nossa grande preocupação com o risco de tornar a leitura um processo enfadonho para os alunos, por realizar-se em etapas e estender-se por meses, diluiu-se ao longo do percurso.

O prazer da leitura revelou-se a cada momento, mesmo partindo esta de uma única obra para todos. As resenhas produzidas espelham as considerações das crianças a respeito da leitura realizada e dimensionam alguns dos resultados do trabalho. Em um dos textos, o aluno declara que o livro tem aventura, medo, drama e outras emoções, e recomenda a leitura.

As ideias de construir uma rede de gêneros de possível diálogo com a obra, atividades de pesquisa orientada, propostas de retextualização em diferentes linguagens e produções escritas diversificadas talvez tenham sido oportunas para manter o envolvimento das crianças ao longo do trabalho, para promover o diálogo entre os universos de conhecimento, transfigurando os saberes.

O contato com outras formas de texto e a descoberta de como elas podem ser associadas alimentou a diversificação e, esperamos, tenha fornecido subsídios para as crianças buscarem, em suas futuras leituras, a construção de novas redes.

Esses resultados nos fazem crer que conseguimos seguir o que propõe Colello (2007, p. 86-87):

“[...] resta ao ensino a iniciativa para aumentar as possibilidades do dizer e, neste caso, também do escrever. Resta ao ensino despertar a consciência da magnitude linguística e o gosto em poder enfrentar o desafio da comunicação”

O trajeto foi prazeroso não só para as crianças. Como tão bem sinaliza Freire (1996, p.23):

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

E foi assim que nos sentimos: muito aprendemos a respeito de como desencantar palavras.

## **Referências**

ALMEIDA, R. D. de; PASSINI, E.Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 5ª ed. São Paulo, Contexto, 1994. (Coleção repensando o ensino)

ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p.854.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; rev.da trad. Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção ensino superior).

CASTALDO, Márcia Martins. **Redação no vestibular: a língua cindida**. 2010. 277 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

COLELLO, Sílvia M.Gasparian. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo: Paz e terra. 2007.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990. p.11-21.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários às práticas educativas**. 39ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais e Ensino**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna. 2005. p.19-36.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 11ª ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. (Coleção primeiros passos)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: fev. 2018.

PROJETO ARARIBÁ –Português – 6º Ano. São Paulo: Moderna, 2006.

QUEIRÓS, Bartolomeu de Campos. Literatura: leitura de mundo, criação de palavra. In: YUNES, Eliana (org.). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola: 2002. p.158-163.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. (As faces da lingüística aplicada).

SOARES, Magda. “Alfabetização: o método em questão”. In: \_\_\_\_\_. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto. 2017. p.15-53.

VERNE, Júlio. **Viagem ao Centro da Terra**. Trad. e adapt. Maria Alice de A. Sampaio Doria. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008. (Júlio Verne pocket).

ZACCUR, E. Entre a turbulência e a regra: o que age, retroage e interage na linguagem? In: \_\_\_\_\_. **A magia da Linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A:SEPE, 1999. p. 35.

Recebido para publicação em 17-02-18; aceito em 12-03-18